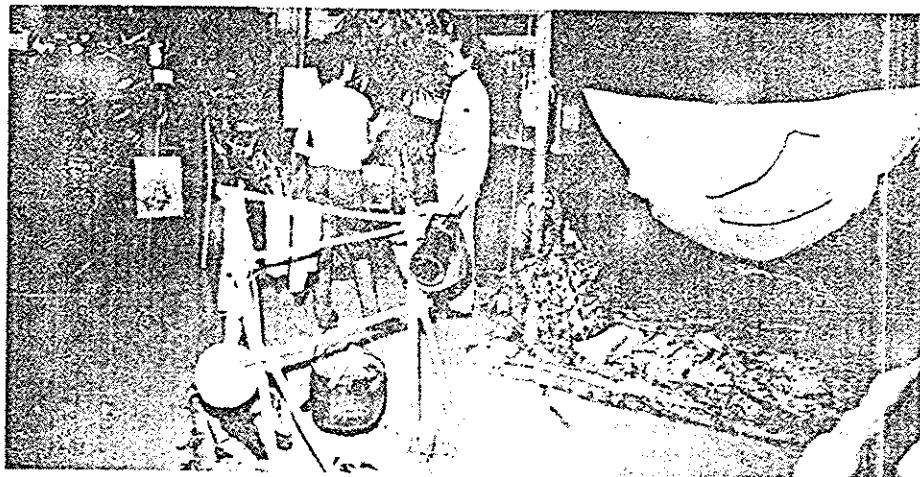


CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte O Liberal Class.: Índios Isolados
 Data 11/04/90 Pg.: 115R 00 36



O ambiente indígena reproduzido no 'hall' da Fundação Tancredo Neves.

Exposição reproduz contato da Funai com tribos isoladas

O trabalho de frente é realizado desde 1910 com o objetivo de proteger os índios isolados da ação do 'progresso' no país

Para mostrar o trabalho que a Funai executa para atrair grupos indígenas isolados, está sendo realizada, até o próximo dia 27, no hall do 3º andar do Centur, a exposição 'Frentes de Contato/Confrontos Culturais'. O antropólogo da entidade, Antônio Pereira Neto, disse ontem que a mostra está sendo realizada porque foi constatado que a maioria dos brasileiros desconhece que na Amazônia existem cerca de 100 grupos indígenas ameaçados de extinção, tanto por terem suas terras invadidas por garimpeiros quanto pela presença de madeireiros.

Antônio Neto informou que o trabalho da frente de contato vem sendo realizado desde 1910 com o objetivo de proteger os índios isolados da ação do 'progresso'. Ele informou que a partir de 1980 a Funai vem priorizando quatro grupos indígenas: o Ara-

ra, localizado no município de Altamira, contactado em 1981 e 1983; o Paracanã, localizado em Altamira e Senador José Porfírio, e contactado em 1983; o Wokorogman, também em Altamira, em 1987; e o Portorudjara, no município de Oriximiná, em 1988.

A exposição está dividida em cinco etapas. A primeira, denominada 'A Floresta', mostra o momento em que a Funai toma conhecimento da existência desses grupos e, através de um documento administrativo, interdita a área para efeito de atração. Em seguida, as equipes montam acampamentos na região onde estão os índios. "Mas não próximos às suas aldeias, pois a princípio o comportamento indígena é desconhecido", ensina o antropólogo. Com a construção do acampamento, entra-se na segunda fase. Nas barracas, existem equipamentos básicos como o rádio-transmissor, instrumentos de caça e pesca, equipamentos de saúde — há também um enfermeiro na expedição — e alimentos. Em seguida, tem início a terceira etapa, que é o caminho percorrido pelos sertanistas atrás dos vestígios deixados pelos índios. "O índio, ao perceber a aproximação do invasor, trata de se defender, construindo inú-

meras armadilhas", contou o antropólogo. Entre elas está a tocaia, onde os guerreiros se escondem para emboscar os invasores de suas propriedades.

Depois de percorrer todo o caminho e enfrentar as armadilhas, chega-se a quarta etapa, onde está montado o 'Tapim de Brindes', que é o local de 'ramoro' entre os sertanistas e os índios. "É onde são ofertados brindes para que eles percebam que a missão é pacífica", explicou Antônio Pereira Neto. Até que isso ocorra, gasta-se bastante tempo. "Com os índios Araras, do município de Altamira, por exemplo, foram necessários 15 anos até que eles comesçassem a retribuir os presentes ofertados", lembrou. A última etapa e também a mais tensa, é "o dia do contato", onde os sertanistas chegam até a aldeia do índio e conquistam a sua confiança. "A partir daí, o povo indígena começa a receber, oficialmente, a proteção do Estado brasileiro no que diz respeito à sua saúde, bem-estar e, sobretudo, a segurança de suas terras", afirmou Antônio Neto, que concluiu afirmando que "a nossa política é de atrair o índio só em última instância, já que ele é feliz em seu habitat natural".